

Coqueluche mata três Katukina. Enfermeiro só bebe, embriaga-se



— Os Kaxinawá são atacados pela coqueluche, que já matou crianças Katukina (foto Anselmo Forneck)

A negligência de funcionários da Funai trouxe um novo e terrível inimigo para os Kaxinawá e os Katukina que habitam a região do Alto Purús: uma epidemia de coqueluche espalhou-se entre as comunidades e já matou pelo menos três crianças Katukina. Não há outras informações da região, isolada atualmente por uma total falta de comunicação - por isso não se pode afirmar se há ou não mais mortes. Mas o que há de concreto já é suficiente para revoltar: se a doença espalhou-se entre os indígenas, foi pela falta de atendimento que deveria ser dado pelo enfermeiro da Funai na área, conhecido por Clóvis Correa, acusado de ser um "inveterado alcoolatra", juntamente com o chefe do Posto que abrange esses dois povos.

A população total dos Katukina e Kaxinawá no Alto Purús chega à casa dos 540 índios. Só os Kaxinawá que moram na aldeia Fronteira somam 200. E a história da atuação da Funai entre esses índios sempre foi trágica, desde o contato. A situação mais grave está sendo sentida há cerca de 18 meses - tempo de grande indefinição e falta de garantias para as duas nações.

NEGLIGÊNCIA CRIMINOSA

A história dos Kaxinawá não é nada animadora: além da coqueluche que agora ataca esse povo, muitos índios estão sendo "empregados" pela Funai, trabalhando de sol a sol na construção de uma pista de pouso que nem sequer está sendo supervisionada pelo chefe do Posto Indígena. É o mesmo chefe que diariamente se afasta do seu posto para beber aguardente do outro lado do rio, no seringal Mamuriá, em companhia do enfermeiro Clóvis.

A atuação desses dois funcionários da Funai levou o desespero a se instalar na aldeia Fronteira, onde a doença começa a alastrar-se. Os índios, revoltados, estão tentando há tempos conseguir uma ligação radiofônica com Rio Branco, capital do Acre, com a intenção de pedir remédios para a região, bastante isolada nesta época chuvosa do ano.

Pelo que foi feito, entretanto, esses apelos conduziram a nada. O chefe do Posto, como de hábito, respondeu com sua indiferença e não comunicou o chefe substituto da Ajacre (Ajudância do Acre), em Rio Branco, Francisco Edinaldo. Foi preciso que o coordena-

dor do Cimi daquele estado, Anselmo Forneck, o informasse - depois que por sua vez recebeu denúncia diretamente na área. De concreto, no final disso tudo, apenas uma promessa: a de que serão tomadas as devidas providências em relação a esses "desobedientes funcionários".

O enfermeiro Clóvis já é experiente nisso. Antes de chegar àquela região, ele foi expulso da área ocupada pelos Apurinã do quilômetro 124 da BR-317, numa represália inédita e auto-determinada dos próprios indígenas que exigiam o atendimento recusado pelo enfermeiro alcoolatra.

DENÚNCIAS DA ESPOSA

O descaso apresentado pelo enfermeiro tem ao menos um opositor disposto a tudo. Trata-se da esposa de Clóvis, Aurea Correa, auxiliar de ensino. Ela chegou a enviar uma denúncia pelo rádio dando conta da situação precária dos Kaxinawá. E não teve piedade. Acusou abertamente o marido de usar indevidamente o motor e a gasolina do Posto, "utilizados para atravessar o rio e levá-los às bebedeiras no seringal Mamuriá".

Em situação aparentemente mais grave que

os Kaxinawá, porém, estão os Katukina do seringal Nova Olinda. Lá, pelo que se informa apesar das dificuldades, três crianças já morreram atacadas pela coqueluche - vítimas indiretas do descaso dos dois funcionários da Funai. Os índios pediram remédio várias vezes, os agentes de pastoral de Feijó intervieram, mas a falta de assistência permitiu que a coqueluche se alastrasse às margens do rio Envira, onde ficam os Katukina.

Esses problemas tiveram início já há algum tempo. Antes de começar esse rosário de crises, os Kaxinawá viviam tranquilos, desfrutando das coisas da natureza e nesta época não havia quem os mandasse, quem os dominasse. Nesse clima viviam sossegados e unidos. Foi esta união o primeiro alvo da Funai. Quando chegou no lugar a primeira coisa que fez foi implementar uma ação coordenada, através de seus funcionários, com o objetivo de dividir o grupo Kaxinawá, o que aparentemente acabou conseguindo. Este trabalho foi confiado ao primeiro chefe do posto, que obteve como resultado uma parcial divisão, hoje já em fase de superação por causa da união dos indígenas.